

AMOR IMAGINADO:

O DESEJO, A ÉTICA E A POLÍTICA

Ana Carolina Martins (Doutoranda em Filosofia, UFRJ)

RESUMO

O desejo é uma imagem. É o que afirma Giorgio Agamben em “Desejar”. Em outro texto, também reunido em *Profanações*, o filósofo procurou o ser ou o não ser da imagem (AGAMBEN, 2007). Destes textos, algumas teses: Uma imagem é aquilo que não pode ser comunicado e, tampouco pode se tornar uma propriedade. Todo esforço de comunicar o desejo sem imagem, ou também o inverso disso, é vão. O intervalo entre uma imagem e o seu reconhecimento é o tempo de realização do amor. Com isso, é possível que a experiência do amor consista em um átimo de tempo imensurável e inquantificável. Toda intenção de comunicar o desejo é também uma intenção de comunicar a si mesmo. Se são verdadeiras estas teses, se o amor existe e é impossível, pergunto: Onde a possibilidade de uma paragem do gesto de amor que se realiza no intervalo entre a imagem e o reconhecimento? Onde a possibilidade do amor como paradigma ético e político no tempo em que tudo é imagem e espetáculo? Este intervalo não localizável é o que busco.

Palavras-chave: Ética; amor; política; desejo.

ABSTRACT

Desire is an image. This is what Giorgio Agamben says in "Desiring". In another text, also published in *Profanations*, the philosopher sought the being or non-being of the image (AGAMBEN, 2007). Of these texts, some theses: An image is that which can't be communicated, either can't become a property. Every effort to communicate one's desire to someone without a image, or also the reverse of it, is vain. The interval between an image and its recognition is the time for the realization of love. Thereat, it is possible that the experience of love consists of an immeasurable and unquantifiable time. Any intention to communicate desire is also an intention to communicate to oneself. If these theses are true, if love exists and is impossible, I ask: Where is the possibility of a stop of the gesture of love that takes place in the interval between image and recognition? Where is the possibility of love as an ethical and political paradigm in the time when everything is an image and a spectacle? This non-discoverable range is what I'm looking for.

Keywords: ethic; love, politics; desire.

Este texto será de nome, rosto e voz. O primeiro nome é o de Cecília, psicanalista, mais alta que média (ou, talvez, sejam apenas os saltos altos que a fazem mais alta que a média). Cecília não é média, E isto se deve ao seu gosto por saltos. Saltos altos. Ela deseja saltar o desejo. A todos que, de um modo ou de outro, chegam a ela, Cecília lhes dirige sempre a mesma pergunta (como também dirigiu a mim): *Onde está o seu desejo?*

A pergunta de Cecília é também uma resposta. A pergunta responde que é possível, e talvez necessário, determinar o objeto de desejo - e, por suposto, o seu horizonte de expectativa, que é a satisfação. Que o desejo tem uma forma e uma condição objetual é o que a pergunta responde primeiro. Mas, a interrogação guarda em si uma dimensão ainda mais viscosa do que a, nem sempre clara, distinção entre ser sujeito desejante e ser objeto de desejo. Ao trazer a dimensão geográfica do pronome “onde” a interrogação assume uma forma outra. Uma forma que pode, assim, ser expressa: *que lugar tem o seu desejo?*

Deslocar o desejo de um objeto para um lugar é a primeira operação no esforço de desencaixar desejo e posse e, também, sua derivação política: violência e direito. Trato, por ora, mais do desejo que da violência, mais do amor do que do direito. Mas também me dirijo a eles, posto que a operação que ficcionalmente os separa é a mesma que distingue e indetermina o limiar entre política e vida. Pensando desde Agamben, que o fez desde Foucault e de Benjamin¹. O gesto violento que institui o direito encerra toda potência da violência que não esteja relacionada ao direito. Com o direito, a violência passa a estar sempre relacionada a ele, para o constituir ou para o manter, mas se dirigindo ao direito sempre. Como esta argumentação, Walter Benjamin discriciona a violência e mostra como ela, no direito, não se dirige mais a si, não pode, portanto, uma violência pura como manifestação radical de si mesma, mas pode apenas a violência através da qual o direito existe. Violência pura significa não outra coisa senão, *vida fora do direito* ou, dito de outro modo, *a vida não separada dela mesma*. Uma vida que não pode ser mais apenas uma “mera vida”, um corpo que sangra e morre, mas que é uma pura vida. E assumo aqui a palavra “pura”, própria do vocabulário

1 C.f. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. GuilhonnAlbuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988. BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.

benjaminiano para lembrar que a condição de pureza de algo só pode ser relacional, posto que pura é a vida que não é objeto do direito, que não é meio nem fim do direito, mas ao contrário, que é pura e simplesmente uma vida. (BENJAMIN 2011).

A forma objetual do desejo é a figura da impossibilidade do desejo manter-se enquanto puro desejo. Em sua encarnação, o desejo não realizado é angústia e dor. Gostaria, então, de lançar luz sobre a possibilidade de sustentar o desejo enquanto desejo, não como irrealizável, não como uma simples impossibilidade, mas como realização que não o esgota. Um impossível crível. O destino do desejo, para isso, não pode ser aquele anunciado por Hilda: “[...] *lava. Depois pó. Depois nada*” (HILST, 2004, p. 15). Este é precisamente o desejo condenado ao inferno, o desejo realizado e esgotado, e aqui cito uma passagem de Agamben como outra resposta à pergunta de Cecília:

O messias vem para os nossos desejos. Ele os separa das imagens para realizá-los. Ou, então, para mostrá-los já realizados. O que imaginamos, já o obtivemos. Sobram – irrealizáveis – as imagens do que foi realizado. Com os desejos realizados, ele constrói o inferno. Com as imagens irrealizáveis, o limbo. E com o desejo imaginado, com a pura palavra, a bem-aventurança do paraíso. (AGAMBEN, 2007a, p. 49)

Como podemos, então, saltar o desejo para não condená-lo? O pressuposto do desejo é, para Cecília, a falta. O objeto de desejo é falta porque ele é sempre indeterminado e se esgota a cada vez que se determina. Mais do que falta como aquilo que, no sujeito desejante, não tem presença. Trata-se, portanto, menos duma incompletude (mas, às vezes, sim) e mais do movimento de uma negatividade. O movimento desse desejo vai do nada ao nada. Um tipo de contínuo que destrói e preenche o vazio do desejo, na medida em que o realiza, ao instante mesmo em que funda um novo desejo sobre uma nova falta. Significar o objeto de desejo deve, sob essa ótica, simbolizar o vazio.

O desejo tem, desse modo, um fundamento negativo que cria com o vazio uma relação dialética tal qual o não linguístico se estabelece como pressuposto ao linguístico. Nesta concepção da língua, que Benjamin chama “burguesa”, a linguagem está fadada a fracassar. O nosso fracasso é se interrogar incansavelmente sobre o fora da linguagem, sobre a coisa a

respeito da qual a linguagem fala. A incessante destinação da linguagem à sua função significante é o abismo da tagarelice no qual estamos lançados. Esta “tagarelice” para Benjamin é a instituição e consolidação de uma dimensão puramente instrumental da linguagem como meio para comunicar. A alternativa que o filósofo coloca está no desmascaramento de uma “concepção da linguagem essencialmente falsa” (BENJAMIN, 2011, p. 55). A verdadeira dimensão da linguagem, está para ele, não no ato de comunicar alguma coisa a alguém através da palavra. Contra esta concepção, Benjamin afirma uma outra que “não conhece nem meio, nem objeto, nem destinatário da comunicação”, uma pura língua que comunica *no* nome e não através dele - uma concepção de linguagem como *Medium*, um puro *Meio*. (BENJAMIN, 2011, p. 55). Perguntar onde está o desejo para circunscrevê-lo num objeto, objeto que se refere ao sujeito sob o signo da falta, pode ser tão somente a concepção burguesa do desejo como vontade. Outra experiência, no entanto, é aquela do desejo imaginado, da “pura palavra” conforme afirma Agamben.

Se a pergunta sobre “o onde” é ainda solidária com o conhecer, estaremos fadados a angustiada condição de jamais sermos capazes “de possuir plenamente o objeto do conhecimento”, cito Agamben, “pois todo o problema do conhecimento é um problema de posse, e todo problema de posse é um problema de gozo, ou seja, de linguagem” (AGAMBEN, 2007b, p. 12). Manter com o objeto desejado a mesma relação que mantemos com a coisa a qual a linguagem se destina é intimíssima da tarefa metafísica de ciência do indizível e do inapreensível. No entanto, se com “o onde” nos ocuparmos do desejo, que antes mesmo de se endereçar ao objeto, dá testemunho de sua existência, como o *alef* herdado dos fenícios pelos hebreus, poderemos situar o desejo, e também o poder e o direito, fora, ou melhor, ao lado da dialética negativa.

O *alef* é a origem sem som da linguagem, a entrada de ar nas cordas vocais como possibilidade da voz. O *alef* não significa. Ele dá testemunho de que há voz. Há voz (e há linguagem) antes mesmo de sua articulação, antes ainda que a voz se manifeste como voz articulada. Há voz porque há ar e há som. O *alef* é a sensação de que há som. Então, onde o desejo? Pode o desejo ter seu próprio *alef* tal como pode a linguagem? Pode, naquele ponto em

que o desejo dê testemunho de si mesmo (e não mais do seu destino realizável ou irrealizável), daquele mesmo modo como o *alef* dá testemunho de que há voz. Sem sentido e sem objeto o desejo pode pura e simplesmente *desejar*.

Esta outra figura do desejo, o *onde* do desejo, é o seu ter lugar. O *onde* do desejo não é falta e não pode mais assumir uma forma, como no movimento que faz a passagem do não ser ao ser. O *onde* não é mais o nada em que o desejo vigora irrealizado ou o nada no instante de satisfação - aquele que não é outra coisa senão, a destruição do próprio desejo. O desejo como interrupção desde movimento duplamente negativo é o desejo imaginado. O desejo é uma imagem, diz Agamben. (AGAMBEN, 2007a). E isto significa não que o desejo tenha uma forma determinada, que ao ser capturada se torna passível de comunicação, mas que o desejo é exposição de si mesmo enquanto sensação. Antes de se destinar a um fora, o desejo acontece como a ação de sentir, que só se mantém como desejo na sua impossibilidade de realização. O vivente pode ser, enfim, compreendido como: aquele que tem a sensação de algo que pode não passar à ação (AGAMBEN 2015). A sensação do impossível. Desejar é tocar nada enquanto nada, sem dar-lhe rosto, nome ou voz. Ou ainda, e melhor, dando-lhe rosto, nome e voz. Mas somente na medida em que são figuras do impossível, do não representável. Nem o objeto de desejo, nem o ser desejanter, mas o que neles se indetermina é que faz do desejo uma imagem.

Outro salto. Agora para trás, no meu próprio texto. Um salto para outra pergunta: que acontece com o desejo após a sua realização messiânica? O desejo destinado à salvação é precisamente aquele que permanece como desejo imaginado, que não separado da imagem desejada, pode manter-se como uma pura palavra. O desejo realizado é aquele “não mais querer saber”, aquela expressão de indiferença, mesmo quando terna. Ao fim do desejo, ao seu esgotamento, ao seu nada, o inferno. Ao desejo irrealizado, ao desejo sem imagem, o limbo. E o que diferencia a sua dimensão límbica do desejo imaginado é o fato de que: irrealizado é tudo aquilo que mantém como seu horizonte último a realização. Irrealizados são os desejos que anseiam pelo seu próprio fim.²

2 Em *A comunidade que vem*, especificamente no segundo capítulo, “Do limbo”, a referência ao limbo é desenvolvida de modo distinto ao que é apresentado por Agamben em “Desejar”. A ideia do limbo no primeiro texto, corresponde a determinação de um lugar onde não se faz a experiência da culpa e da expiação, sendo apenas

De outra ordem, porém, são os desejos imaginados. Estes realizam uma paragem da demanda pela significação. As imagens se localizam entre aquele que as imagina e a própria imagem antes mesmo de ser representada (num tipo de intervalo não previsto por Hegel na sua ciência da experiência da consciência). Estando *entre* a percepção e a significação, o desejo imaginado pode ser vislumbrado como a pura palavra, numa espécie de vigência sem significado. Assim, analogamente ao desejo como imagem, temos a concepção benjaminiana da língua, na qual, linguagem deslocada do seu querer dizer, não pode ser mais aquele instrumento para a inteligência de alguma coisa, mas ela pode dizer a si mesma *na* língua. A comunicação efetiva - uma comunicação outra, não aquela falsa e burguesa - está para Benjamin, portanto, na comunicação que comunica a si própria, que comunica o comunicável ou uma pura comunicabilidade. Salvando o nome de seu esgotamento na comunicação é possível pensar uma outra forma do desejo, um desejo não dividido entre anseio e realização. Sob esta ótica é possível afirmar que: está salvo tudo aquilo que não pode ser cindido.

Novamente um salto. Desta vez para o lado. Salto para tentar exhibir as consequências, no amor, de se pensar o desejo imaginado como pura palavra. Saltando o objeto de desejo, somos capazes de compreender como não se ama isto ou aquilo e sim o nome do amado, que conserva na linguagem a integralidade do seu ser tal qual é, ou seja, de sua existência na linguagem (AGAMBEN 2013). Em uma relação de amor, que é também uma relação linguística (logo, portanto, repito, um problema de gozo), é urgente a eliminação da separação entre sujeito e objeto, que visa o encontro com o outro *através* do amor, numa espécie de amor como ponte, como instrumento. Que nos encerra numa experiência do amor como exterioridade, como um fora de nós mesmos. Amar (e também desejar), ao contrário, é um verbo que implica, antes e sobretudo, a si mesmo, mantendo o outro sempre na condição de inapropriável (AGAMBEN 2017).

um espaço de privação da visão de Deus, os seres límbicos existem sem a dor desta falta que desconhecem. Desse modo, o limbo assume uma posição outra quando contraposta ao texto que referencia a argumentação desenvolvida a propósito do desejo como se viu. No entanto, é possível, se nos ativermos às consequências que podem ser retiradas dos dois textos, aos habitantes do limbo e seu alheamento da culpa instituída pelo batismo corresponde a experiência da salvação do desejo imaginado.

O gesto de amar não deveria se confundir, por isso, com objetividade, em um tipo de amor pelos predicados. Não se trata de amar isto ou aquilo, porque o que está implicado no amor é o que se quer no ser enquanto *tal e qual*. Isso se afasta de uma ideia de amor que ama indiferentemente ou de uma outra em que se ama sobretudo e apesar de. Antes, o amor está na impossibilidade de determinação do ser por suas qualidades, e sim no seu revelar-se enquanto amável. Em Agamben é possível ler:

Pois o amor não se dirige jamais a esta ou aquela propriedade do amado (o ser-loiro, pequeno, terno, coxo), mas tampouco prescinde dela em nome da insípida generalidade (o amor universal): ele quer a coisa com todos os seus predicados, o seu ser tal qual é. Ele deseja o qual somente enquanto tal - este é o seu particular fetichismo. Assim, a singularidade qualquer (o Amável) não é jamais inteligência de alguma coisa, desta ou daquela qualidade ou essência, mas somente inteligência de uma inteligibilidade.(AGAMBEN, 2013, p. 11)

O gesto que faz com que o ser não seja mais inteligência de alguma coisa, mas inteligência de uma inteligibilidade é a aposta ética e política de Agamben. Pensar a possibilidade de termos o amor como paradigma de uma ética - e de uma política - no contemporâneo é a tarefa histórica para a qual nos convoca Agamben. Esse deslocamento demanda, no entanto, o exercício de desviar-se, ou ainda, e mais precisamente, de tornar inoperante, de desativar, a cisão instituída pela tradição metafísica que distingue inteligência e inteligível. Sujeito e objeto.

A história da metafísica é a história da cisão daquilo que não pode ser separado. Da tentativa de captura do seu fora. Separar os desejos das imagens é um movimento cujo destino é uma condenação. A salvação, não é desse modo uma realização ou uma não realização, mas uma suspensão.

Nesse sentido, é que Agamben pode dizer:

“(...) o corpo dos desejos é uma imagem. E o que é inconfessável no desejo é a imagem que dele fazemos. Comunicar a alguém os próprios desejos sem as imagens é brutal. Comunicar-lhe as próprias imagens sem os desejos é fastidioso (assim como narrar sonhos ou as viagens). Mas fácil, em ambos os casos. Comunicar os desejos imaginados e as imagens desejadas é a tarefa mais

difícil. Por isso a postergamos. Até o momento em que começamos a compreender que ficará para sempre não cumprida. (AGAMBEN, 2007, p. 49)

O desejo não pode ser comunicado na linguagem precisamente porque é uma imagem não pressuponente. Há desejo desde que haja aparição. O aparecer é a manifestação do desejo enquanto tal. A tentativa de comunicar o desejo ou de representá-lo o lança, irremediavelmente, ao movimento. Que por ser movimento, necessariamente o altera. Desse modo, o que resta no âmbito do impossível é comunicar o desejo enquanto imagem. O único comunicável só pode ser o impossível. Comunicar não o objeto, não o sentido, não a coisa do desejo, mas o próprio desejo. O fato de que o desejo exista.

É oportuno, nesse ponto, que lembremos Aristóteles e seu ensinamento sobre a imagem, que é cor e luz. E comunica, acima de tudo, antes mesmo de comunicar a imagem visada, que há a possibilidade da vista. Assim como, o que o *alef* comunica é que há ar, e portanto som e voz. Como também para Bataille, para quem é preciso um desprezo pelo rigor para que se conheça a figura do desejo. Para ele, o rigor se opõe às imagens poéticas, são estas que dão todo o brilho ao “vazio branco”, são elas, as imagens poéticas, que estão entre o nada da pressuposição da linguagem e sua apreensão na língua. Mantendo o vazio como vazio, mas brilhante como o carnaval, é que se comunica o desejo imaginado. Ao modo de Bataille, cito de “A vontade do impossível”:

Se eu tivesse mantido o rigor em mim? Não teria conhecido as figuras do desejo. Meu desejo despertou aos clarões da desordem, no seio de um mundo transfigurado. Mas, uma vez o desejo desperto? Se volto ao rigor? O rigor dissipando as figuras poéticas, o desejo está enfim dentro da noite (BATAILLE, 2014).

Desejar é inscrever sobre o nada um rosto, um nome, uma voz. Que mantendo-se sem identidade, irrepresentável, pode o desejo sem condenação. Como na política, revolucionária é a ação que não institui nada, sem ser por isso uma destruição. Revolucionário é o gesto de suspensão do direito, que não é aquele realizado pelo soberano no estado de exceção, mas que suspendendo-o sem destruir, resta como uma lei que existe sem vigência alguma, abandonada a

si mesma, já não diz mais respeito aos homens, que agora libertos e salvos, podem, simplesmente, desejar (AGAMBEN 2012). Outros nomes, rostos e vozes: Caio, Patrick, Danielle, Renata, Leonardo.³

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Tradução de Selvino José Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____ **Estâncias - a palavra e o fantasma na cultura ocidental**. Tradução de Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

_____ **A comunidade que vem**. Tradução e notas Cláudio Oliveira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

_____ **O uso dos corpos**. Tradução Selvino J. Assmann. 1. Ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

_____ **Estado de exceção**. São Paulo: Boitempo, 2004.

_____ **A potência do pensamento: ensaios e conferências**. Tradução António Guerreiro. Belo Horizonte, 2015.

BATAILLE, Georges.. A vontade do impossível. Tradução de Fernando Scheibe. **Crítica Cultural** – Critic, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 335-338, jul./dez. 2014.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. Tradução de Susana Kampff Lages. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2011.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhonn Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

HILST, Hilda. **Do Desejo**. São Paulo: Globo, 2004.

3 Os nomes citados fazem referência aos componentes da mesa na qual esta comunicação foi realizada em ocasião do XIV Simpósio do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, O impossível Crível, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.